

JOÃO D'OUTRORA

(Francisco Antonino Xavier e Oliveira)

PELO PASSADO

HISTORIA. TRADIÇÕES.
LENDAS. PANORAMAS,
USOS E COSTUMES DE
PASSO FUNDO :: ::

Instituto Histórico
de Passo Fundo

Passo Fundo - Rio Gr. do Sul
— BRASIL —

Original da Typografia ABC

PASSO FUNDO

1922

Introduccção



Ao distinto amigo dr.
 Vergueiro, em prova
 de muito apreço,
 oferece o autor

(Antônio Xavier)

14/11/22.



Pelo passado

Lá de traz daquelle serro
se levanta uma fumaça,
contando que João d' Outrora
já vem perto desta praça.

Traz elle bem afinada
a viola do tempo antigo,
com a qual, quando era moço,
não temeu nenhum perigo.

Abra cancha, minha gente ;
que não haja tropelia.
João d' Outrora só pretende
liquidar um' arrelia.

Foi pealado de surpresa
quando passava na estrada,
agora vem vê se é certo
que acabou-se a gaúchada.

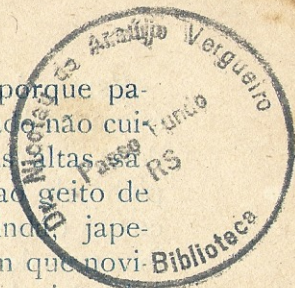
O guiso de cascavél
já treme dentro do pinho,
anciado pela porfia
de daqui a boccadinho.

Abra cancha, minha gente,
que é de paz o João d'Outrora;
corra o matte chimarrão,
que a péga começa agora.

Por umas linhas singellas
que dei á letra de fôrma no ul-
timo numero desta gazeta bue-
nacha, fiquei apalavrado para
um quero-mana suspirado com
o turuna que, por despique no
mais, entendeu que devia pin-
char-me, como pinchou, um so-
bre-lombo de grande rodilha,
na minha passagem folheira
por estas coxilhas dobradas e
cheias de carrapicho, onde a
gente de hoje, feito o aparte
de uns quantos cuéras bizzaros
que ainda se lembram dos tem-
pos idos, — espalha a canneta
na maçaroca levada que a mo-
dernice creou, deixando vendi-
do o povo que lê pela velha

cartilha dos pagos, porque pa-
ra elle, que do riscado não cuir-
da, essas cousas das altas pas-
bedorias são assim ao jeito de
carrascaes de nhapindo, jape-
canga e cipoeira, em que novi-
lho acuado se larga riscando
o couro, mas gaúcho de lida
suspende a rédea plantando o
matungo, para não rasgar a
bombacha.

O que me consola, porém,
é que da propria gente velha
da terra, criada a churrasco e
matte, farinha de milho bem
secca e apôjo de vacca de ter-
neiro grande, existem ainda al-
guns supplicantes que, em ca-
so de precisão como este e ou-
tros que taes, rebuscando um
dicionario e mais livros mo-
dernos, talvez possam tambem,
com algum trabalho e pacien-
cia imitando o estylo pelintra
de hoje, tomar a peito e tirar
a limpo quaesquer contendas
que surjam dizendo respeito
aos passados tempos destas
querencias mimosas.



Está pois p'ra se vêr quem é que melhor espanta a saudade no braço enfeitado de um pinho de Sorocaba, trazido ás costas do madrinheiro nas velhas eras do chiripá, ceroula arrendada e botas de garrão de potrilho : si um desses cujos, esfoguetado pela maneira já dita, ou o pealador grameiro que quiz lhe passar a manieira.

E não haja susto, por que gaúcho de lei, que apprendeu a ler soletrando nas velhas cartas fechadas com obreia, não faz cantória torta, se valendo de rusgas, recorrendo ao agravo ou faltanda á lealdade : aguenta o tirão como gente, preferindo ser vencido pela razão, do que vencedor sem ella.

Corra o matte, pois, que o negocio é comprido e será muito fallado nestas déz léguas em róda.



II

João d'Outrora teatinou desde antes dos déz annos, correndo muitas querencias, passando por muitos pannos.

Andou por bellas estancias cujo fim não se enxergava, nas quaes um gado mimoso por toda parte coalhava ;

Foi madrinheiro de tropa na estrada de Sorocaba ; fez lindas viagens tocando boiada macóta e braba ;

Puxando tropa de guêchas, bons peccados descontou. . . Bicho levado da bréca, que demais o enquisilou ;

No chamado Sertão Velho, forcejou de infantaria tocando a mula cansada p'ra cima de serranias ;

Muita preguiça lambeu no costado de carreta, officio dos mais enjoados que teve sobre a palêta ;

Soffreu tambem arrelias
na penitencia levada,
de envelhecer, ao passinho,
no coice de trópa arreada.

De tal viver o tirou
a sina, que não se dóbra,
dizendo que se fizesse
madeira p'ra toda obra.

Eis porque o chirú velho,
hoje curvado e macêta,
por tudo tem adejado
como faz a borboleta.

Apezar de velho, porém,
seu coração é creança :
Não deixa de latejar
ao afago da esperança.

Agora, que o povo fachudo
desta querencia grameira co-
nhece a fé de officio da minha
teatinagem por esses mundos ;
sabe por alto quaes fôram
meus trabalhos, penitencias e
quisilias no correr da mesma,
e a sina braba a que estou
amarrado com sovéo que pa-
raria patrulha ao mais teimoso
pavêna de lómbilho, — vamos
reatar o fio da prôsa que cor-
tei para debulhar ao som do
pinho a minha apresentação,
para que se ficasse inteirado
de quem era o supplicante que

o tal pealador queria derrubar,
ignorando que gente de lida
sai sempre desempenada e de
rédea na mão, quando o ma-
tungo acha um buraco e nelle
enfia a pata, como querendo
averiguar si o tatú é itê, muli-
ta, canastra, pelludo ou do ra-
bo mólle.

Chirú velho macêta, cança-
do de lidas e vidas, e marcado
na picanha por muito assado
que devéras o aplastou, por que
afinal esta pelleia do mundo
não é fandango nem cantiga,
— o pobre do João d'Outrora,
nos ultimos tempos, estava fei-
to palanque de frente de bodé-
ga da campanha, em que tudo
que éra andante, sem mais a-
quella, ia amarrando o ma-
tungo...

Coisa vai, coisa vêm, eis
que um dia, puxando a xêren-
ga velha veterana das madri-
nhagens de trópa, com ella pi-
cou um naco de fumo parelhei-
ro, tirou uma palha de palmo
craveiro, que estava espetada

na orelha do lado de laçar, passou-a pela bocca, para amolecer, alizou-a bem alizada, esfregou o fumo, enrolou um baio malacàra marchador, bateu isca, accendeu-o e, emquanto a fumaça do cujo caracolava para o ar como se fosse um laço que se desenrodiava, — matutou deste geito:

Seu João d'Outrora, você já não é gaúcho e sim banana, que leva todo o santo dia encarapitado nesse foguinho de cavacos, moqueando os cambitos e cochilando de parceria com o guapé-quinha lanudo e o gato roncadór, que são teus velhos socios de lombeira, emquanto lá fóra a tourada cupinuda, berrando, cavando e levantando polvadeira, faz o andante suppôr que o teu ranchinho é tapéra ou nunca teve morador . . . Não seja molle, homem, porque idade também não é lá essas cousas que a gente entende. Envelhece o corpo, è certo, encarquilhando-o, tirando-lhe o muque do braço e a ligeireza da perna, mas augmen-

tando a estancia que elle tem dentro da cabeça, povoada de sariemas, macucos, sabiás, chopins, patativas, caboclinhos, canarios e borboletas, por entre os quaes, ás vezes, apparecem tambem bichos de unhas, dos mais topetudos, estorvando a cantoria cerrada desse mundo de passarinhos, como si nelle o Coisa Ruim surgisse de improviso deitando fogo pela bocca. . .

Tambem o jardim que temos dentro do peito, que faz brotar, sente a agua de cheiro e colhe as cinzas das nossas illusões, servindo-lhes depois de sepultura; que floresce ao sol das alegrias, cantando, e murcha ao anoitecer das tristezas, chorando, — nada tem com a velhice, porque è como a terra, que se amortalha nas trevas da noite, para depois vestir-se do côr de rosa e ouro da madrugada.

Levante, pois, a crista abatida pelos teus annos de teatinagem por esses mundos, e, si não póde mais pellear ás devéras, ao menos arrume um pau de guamirim,

sapéque-o bem nesse teu foguinho marralheiro e fumo-cento, ponha-lhe á ponta uma penna de ganso bem aparada, e, de viola ás costas, como os trovadores antigos, prompto para o que dêr e viêr, faça-se canneteiro tambem, não para chingar o proximo, que é teu irmão, por ser filho de Deus tambem, —mas para o conduzir ao fundo da cerração dos dias idos da tua querencia, e, de lá, o trazer ao som de cantigas que o façam enternecer-se de bello patriotismo quando, num dia de sol e de avenida, cheio de luz e cheio de automveis, passeando vestido á moda de Pariz, Roma, Vienna, Berlim, Londres ou Nova York, —to par com um quebra-largado que, garboso como um heróe, passar trajando o fardamento campeiro da gente antiga do seu Estado, do seu Municipio, da sua querencia.

Póde haver quem te atire pedras, mas, si isto acontecer, você as beijará como rosas do patriotismo, que está acima de todos os sacrificios.

Acabada essa prôsa commigo mesmo, senti que a passarinhada travêssa da minha imaginação pulava de galho em galho, em grandes bandos, cantando umas cantigas tão claras, tão altas, tão lindas, que, como disse um grande trovador lá desses mundos — parecia que eram as estrellas lá no céu que estavam cantando. . .

E tomei o guamirim, o descasquei, sapequei, falquejei e empennei; acordei o pinho ha longo tempo mudo no girau do ranchinho, encordoei-o de novo e parti para a lida, onde me acho agora chimarreando com os meus patricios, e onde ficarei até que as cordas da viola arrebetem. . .





III

João d'Outroira é namorado
da querencia onde nasceu,
por ser uma linda joia
que Nosso Senhor lhe deu.

Não é de extranhar, portanto,
que a êrga como bandeira,
fazendo o Sol s'esconder
em nuvem de polvadeira.

Era assim que a gente velha,
agora quasi acabada,
fazia o pinho gemer
debaixo da sua toada.

* *

João d'Outroira é namorado
da querencia onde nasceu,
por ser uma linda joia
que nosso Senhor lhe deu.

Façamos, agora, uma outra
sestuada na viagem, para que
o cantador guareça e a viola,
companheira da sua saudade,
tome um alce tambem.

Emquanto isto e o matte,

novamente cevado, vai corren-
do esta ródá amiga, as trêmu-
las notas da porfia, levadas
pelo vento, irão embeber-se na
alma da querencia amada, des-
pertando outras saudades e
talvez outras cantigas, sem du-
vida melhores, sem duvida
mais lindas que estas.

Dando esse passeio pelas
coxilhas, pelas quebradas, pe-
las varzeas, sobre o verde ta-
pete dos campos ou por entre
a sombra meditativa dos mat-
tos, irão ellas, as pobres toa-
das desta porfia, recolhendo e
arrastando tambem o perfume
de todas as flores e o canto de
todos os passaros, que encon-
trarem no caminho, para que,
no fim da jornada, o seu amor
se apresente maior aos olhos e
ao coração da namorada.

Seja qual fôr a direcção do
seu vôo, hão de ellas, como
que magnetizadas por uma for-
ça poderosa, refluir para um
rincãosinho em que ha uma ve-
lha casa, hoje refeita, mas que,

entretanto, não perdeu o velho semblante: isto ao rumo em que o Sol se levanta da noite nos braços da madrugada, abrindo as flores, desatando o peito dos passaros e semeando a alegria nos campos estrellados de orvalho.

Foi lá, nesse rincãosinho, que o coração do chirú velho deu o primeiro latejo da vida, neste mundo bem diferente daquillo que muita gente crê que elle seja.

Foi lá, nessa velha casa hoje restaurada, que esse mesmo coração, pequenino ainda, se aconchegou ao calor de outros que já não latejam mais. . . Levou-os a morte, que tudo leva, que tudo arrasta na sua passagem, não para matar, mas repôr na verdadeira e unica vida real, que é a da Eternidade, para onde todos nós vamos arrastando os nossos passos, levando as nossas cantigas e conduzindo as nossas saudades.

Nesse rincãosinho e nessa



Francisco Xavier de Castro

Nascido a 1.º de Julho de 1809
e fallecido a
15 de Outubro de 1908

mesma casa, viveu durante meio seculo, humildemente, um velho de antiga tẽmpera, que morreu abeirando os cem annos e foi, pela sua longa idade, clara memoria e verdadeira palavra, um dos mais entendidos guias que o cantor de agora teve na sua viagem para traz do tempo a essas eras distantes, cujo character nobre se mostrava em tã saudoso companheiro de troteada.

Devia-lhe pois o chirú velho esta lembrança e o retrato que dá a margem desta prosa, não por vaidade de parentesco, mas por uma outra muito mais alta, que é a do civismo.

FRANCISCO XAVIER DE CASTRO

Nascido a 1.º de Julho de 1809

e fallecido a

15 de Outubro de 1908


Vultos do passado

Joaquim Fagundes
dos Reis

Fallecido a 23 de Junho de 1863

Patriarcha da terra

Falta o retrato, mas não pe-
rece a memoria.



PARTE I





CAPITULO I

Esta querencia fez parte
da *Provincia de Missões*
que os Jesuitas erigiram
do *Tape* nas solidões.

Nesse tempo era sujeita
ao governo de *S. João*,
cuja séde, agora em ruinas,
é simples recordação.

Tinha ahí por habitantes
os chamados *guaranys*,
que occupavam grande parte
do nosso immenso paiz.

Esses indios, porém, foram,
mais tarde, desalojados
por seus antigos rivaes
os ferozes *corôados*.

Veiu isto acontecer
após o golpe fatal
que ás *Missões* foi desferido
por Hespanha e Portugal.

Era minha tenção, patricios,
fazer neste intervallo da canto-

ria uma prósa, narrando por miudo o que houve por estas alturas ao tempo dos tão fallados «Padres da Companhia», que, como se sabe, foram os fundadores das reduções, povos ou missões que aldearam, civilisaram e converteram á fé christã a numerosa indiada, completamente selvagem ainda, que, em éras muito antigas, povoava as terras missioneiras do nosso grande, bello, rico e futuroso Estado de hoje.

Para apresentar narração que não peccasse por phantasia — passarinho que vôa e canta sempre que vem á baila as sumpto referente a esses Padres, tive que mergulhar no matto cerrado da letra de fôrma, fazendo ahí uma viagem a busca do caminho que a «Companhia de Jesus», sahindo das reduções que fundára no Paraguay, realizou para chegar até esta banda do Uruguay.

Assim foi que a minha imaginação, voando ás terras pa-

raguayas, de lá passou para o alto Paraná, visitando as reduções que, á margem esquerda desse grande rio, taes religiosos fundaram e tiveram de abandonar ao cabo de annos; buscando as solidões immensas do Rio Grande do Sul para continuação da sua obra.

Acompanhando-os nessa jornada atravéz mais de 150 légoas de sertão bravio, sem duvida rompido á custa de enormes difficuldades, perigos e provações, assistiu á fundação das suas novas reduções na região a que pertence o nosso municipio, a destruição e abandono das mesmas, e a retirada que elles, conduzindo a parte da indiada que restára dessa tragédia, operaram na direcção do actual Territorio de Missões da Republica Argentina, afim de ahí e do lado de cá do Uruguay, na zona proxima a esse territorio, se refazerem e voltarem, como voltaram, a esta e outras querencias serranas.

Sempre seguindo a acção desses Padres, a minha imaginação, com um olho nelles e outro na terrinha em que agora estamos proseando, viu a fundação dos chamados *Sete Povos da Margem Oriental do Uruguay* e seus estabelecimentos dispersos pela região, entre os quaes havia estancias tão grandes como provincias; acompanhou a vida e marcha dos mesmos, seus costumes, questões e luctas, e finalmente a sua quèda, o seu tombo definitivo ao clarão das labaredas do incendio de S. Miguel e outros povos, na guerra que Portugal e Hespanha lhes levaram, de 1755 a 1756. para cumprimento do tratado de Madrid.

Terminada essa viagem de mais de 2 seculos, concluí que o seu resultado excedia ao limite de uma prósa simples como esta, devendo portanto ficar para mais tarde, afim de



Estudos avulsos

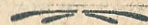
SUMMARIO:

Coronel Francisco de Barros Miranda (apontamentos biographicos).

Inhó-bangandão (poesia descriptiva)

Poesia popular de Passo Fundo (versos e prosa).

Nos pagos (versos).





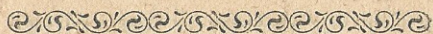
Cel. Francisco de Barros Miranda

Fallecido a 24 de Maio de 1890

poder ser desenvolvido convenientemente.

Póde ser que ahi se abra um luarzinho na escuridão desses tempos mórtos, á luz do qual possâmos augmentar um pouco os nossos tão pobres conhecimentos do papel de Passo Fundo no seio das historicas *Missões Orientaes do Uruguay*...





I

Sua estancia éra lá naquelles umbús solitarios que desta cidade se vêem para o norte, no tôpo de alterosa coxilha, como que fazendo sentinella á empolgante belleza panorâmica do 3.º districto de nossa terra.

Hoje o logar é êrmo e desolado, porque o tempo tudo destróe, menos o umbú, que elle deixa para que a saudade não perca o sitio em que nasceu, e o tributo da vida não esqueça o silencio da morte na solidade penetrante das tapéras...

Quantas e quantas vezes o

gaúcho valoroso, feliz outr'ora na vivenda rustica desapparecida de coxilha assim marcada tão indelevelmente, não deixa, passando pelo caminho que a flanqueia, resvalar uma lagrima da sua tristeza, recordando esse passado que nunca, nunca mais poderá reviver !

*
**

Naquella coxilha, naquelles umbús solitarios, naquella estancia desfeita pelo tempo que tudo destróe, morava o coronel Francisco de Barros Miranda, vulto imponente do liberalismo antigo de Passo Fundo, ao qual chefiára como antecessor immediato de Prestes Guimarães.

Recordo-me ainda do seu derradeiro anniversario natalicio, transcorrido já quando o manto crepuscular da ultima guerra fratricida, sob a fórma preliminar de simples reuniões de churrasco, matte e cantorias á viola, começava a estender-se pelas verdes coxilhas legen-

darias do Rio Grande do Sul.

Nesse dia dos seus annos, que eram já talvez para mais de 80, houve na sua estancia uma festa, assistida por numerosa concorrência desta cidade e representando selectos elementos, sem distincção partidaria, porque elle, o commandante daquelle 5.º corpo que a seu lado marchara para a grande Campanha do Paraguay, para de lá voltar trazendo para Passo Fundo o orgulho de o ter mandado, — de todos era querido e venerado pela sua nobreza, que hoje, como attestado de que a justiça da posteridade não falha, ahi está fulgurando, através o seu nome, em uma das nossas ruas, e para jamais ser apagado, porque não foi imposto por benevolencia de companheirismo, porém pela admiração justa de adversarios que o conheceram e foram testemunhas, portanto, do seu renome ainda em vida, no meio do fragôr de uma das mais

apaixonadas phases da vida partidaria de dantes.

Pouco depois dessa festa o venerando patricio cerrava os olhos aqui, na casa do seu velho amigo Jeronymo Savinhone Marques, isto ha 32 annos, mas a sua memoria ficava. Ficava e ficará para sempre, porque fôra elle, além de servidor prestimoso do seu paiz em dias afflictivos, um dos corações mais nobres que já pulsára em Passo Fundo.

Poderia este ultimo requisito ser illustrado por facto de alta eloquencia, mas não o será pela razão imperiosa de que a Historia, devendo actuar no sentido de aprimorar as gerações novas pela suggestão de altas virtudes, está portanto no dever indeclinavel de ensinar-lhes que, na pratica da beneficencia, por maior que seja o acto, não ha propriamente uma glória, mas, apenas e rigorosamente, o simples dever de solidariedade para com o

semelhante que ao lado vai ro-
deando a longa espiral que con-
duz ao alto da montanha da
vida.

* * *

Qualificado guarda nacional
em 1848, foi Francisco de Bar-
ros Miranda promovido a 2.^o
sargento em 9 de Setembro do
mesmo anno; a tenente em De-
zembro de 1854, a capitão em
22 de Agosto de 1855 e por
fim a tenente-coronel em 27 de
Novembro de 1863, posto em
que se achava quando o solo da
Patria estremeceu ao contacto
do invasor paraguayo, ao man-
do do general Estigarribia,
em 1865. Nessa contingencia,
auxiliou poderosamente a reuni-
ão da Guarda Nacional para a
guerra, marchando com o seu
corpo já referido para o campo
de batalha, então localizado em
Uruguayana, cidade a cuja ren-
dição assistiu, dahi passando
para Corrientes, donde regres-
sou por doente.

Por serviços militares pres-

tados nessa campanha, foi con-
decorado com o habito de Ca-
valleiro e Official da Ordem da
Rosa, e medalha da rendição
de Uruguayana; e, sem duvida
por esse merecimento e outros
que o exornavam, é que, por
decreto de 17 de Maio de
1884, veio a ser promovido a
coronel e nomeado comman-
dante superior da Guarda Na-
cional da comarca de Passo
Fundo.

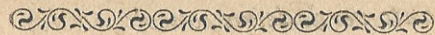
Alem disso, por longos an-
nos exerceu elle, neste municí-
pio, cargos quer de eleição po-
pular, quer de nomeação do
Governo, servindo sempre a
contento da população.

Por motivo da sua morte,
occorrida a 24 de Maio de
1890, o jornal local *Echo da
Verdade*, seu adversario politi-
co, entrè outros conceitos as-
sás honrosos, disse: *Grande
parte do municipio chora e cho-
rará sempre a sua falta, pois
elle era o arrimo da classe des-
protegida da fortuna, era por-*

*tanto verdadeira consolação dos
afflictos, e o astro protector dos
desvalidos offuscado para sem-
pre pela sombra negra da fa-
talidade!*

* * *

Eis porque a mocidade passo-
fundense, quando contemplar
aquelles umbús solitarios que
marcam o logar da desapare-
cida estancia hospitaleira desse
patricio tão digno pelo seu va-
lor como pela sua nobreza, de-
ve ligar ao sitio, agora êrmo e
desolado porque o tempo tudo
apaga, o respeito e a venera-
ção que merecem todos aquel-
les que cerram os olhos dei-
xando memoria tão alta e tão
bella.



I I

Inhé-bangandão

O velho monjôlo
que moia ao pilão,
ao vento dizia:
«Inhé-bangandão!»

Fazia a quiréra
do tempo de então,
cantando, cantando:
«Inhé-bangandão!»

Remoia a farinha
p'ra o leite, p'ra o pão,
sorrindo e dizendo:
«Inhé-bangandão!»

A herva socava
p'ra o bom chimarrão,
dizendo ao gaúcho:
«Inhé-bangandão!»

Rompendo a manhã,
do Sol ao clarão
cantava dizendo :
«Inhé-bangandão !»

A' hora da sésta,
da sésta de então,
pesado dizia :
«Inhé-bangandão !»

A' tarde saudosa
cahia ao pilão,
chorando e dizendo :
«Inhé-bangandão !»

Socava e socava
da Lua ao clarão,
cantando, cantando :
«Inhé-bangandão !»

Parecia ser elle
de lá coração,
que agisse dizendo :
«Inhé-bangandão !»



III

Foi no anno oitenta e nove
que o Brasil differençou,
noticia por telegramma
no paiz se publicou :

Dia 15 de Novembro
pelas 8 horas do dia,
houve o grito da Republica
acabou-se a Monarchia.

O Imperio do Brasil
desamparou seu logar,
porque sahiu deportada
toda a familia imperial.

(Da poesia popular passo-
fundense).

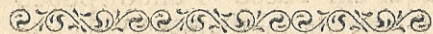
—
Estas tres quadrinhas, patri-
cios, fazem parte de extensa e
bellissima cantiga que surgiu

aqui em Passo Fundo pouco depois da proclamação da Republica.

Ouvia-a por primeira vez, ao som da viola, numa cantoria de acampamento, em Novembro ou Dezembro de 1891, na revolução que surgiu contra o golpe de estado que dissolvêra o Congresso Nacional.

Ha poucos dias, procurando salvar essa poesia do olvido, consegui uma còpia, obtida por amigo, e pessoalmente colhi outra; mas tão deturpados estão os versos, que achei melhor reproduzir somente essas tres quadrinhas, e isso mesmo retocando-as, porque nem metrificação tinham mais.

Seria patriotico revivermos essa cantiga, visto ser ella subsidio historico importante. Para isto peço que as pessoas que a souberem ou puderem copial-a de algum cantador velho, façam o favor de me ajudarem na tarefa mandando-me a còpia respectiva.



IV

Nos págos

João d'Outrora tem saudade da vida simples, sem luxo, que se leva nas coxilhas onde é monarcha o gaúcho.

E' lá que a gente campeira, sem vícios, sem novidades, moureja alegre e tranquillã na maior das liberdades.

Modesta, sincêra e bôa por pendôr de coração, vai assim mantendo firme do passado a tradição.

Tem sempre abertas as pórtas da morada hospitaleira, essa gente, em cujo peito móra a alma brasileira.

Jamais a Pátria, aggravada,
pôr ella chamou em vão ;
jamais o Brasil querido
sahiu do seu coração.

Alegre, monta a cavallo
do dia logo aos albores,
ou vai cultivar a terra
ou cuidar d'outros labores.

E o dia todo se exgotta
em faina rude, constante,
porque trabalho não falta,
apparece a cada instante.

De noite, velhos monárchas
pelos annos desthronados,
revivem perto do fogo
os bellos tempos passados.

Outras vezes sai a violá
da caixa que a tem guardada,
e gême de tal maneira
que a gente fica passada . . .

Fica passada e mais nova,
porque, depois de floreios,
Dois cuéras de peito claro
sacódem logo um toreiô.

E' então que a guryrada,
de olho acceso escutando,
ao som da viola buenacha
vai o muque preparando.

*
*
*

E' por isso, meus patricios,
que João d'Outrora, folheiro,
não tróca o viver antigo
nem por pilhas de dinheiro.

Observação

Esta obra será publicada em fasciculos mensaes, no dia 15 de cada mez, até ficar concluída.

Nesses fasciculos serão estampadas cêrca de 150 gravuras de retratos, scenas e panoramas historicos, muitos delles referentes á ultima revolução.

As pessoas que quizerem ser contempladas na distribuição dos outros fasciculos, deverão avisar isto, porque a edição è resumida.



